



LE
CARR

WIS OLL

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

tradução de

MARIA CRISTINA
GUIMARÃES CUPERTINO

apresentação e notas de

FÁTIMA MESQUITA

ilustração de

PEDRO NEKOI

© Panda Books

Direção editorial **Marcelo Duarte, Patth Pachas e Tatiana Fulas**

Gerente editorial **Vanessa Sayuri Sawada**

Assistentes editoriais **Henrique Torres e Laís Cerullo**

Assistente de arte **Samantha Culceag**

Coordenação da coleção **Fernando Nuno e Silvana Salerno**

Design **Casa Rex**

Ilustração **Pedro Nekoi**

Revisão de tradução e preparação **Dan Duplat**

Revisão **Nana Rodrigues e Capitu Escobar de Assis**

Imagens p.1 **Lewis Carroll** © **Oscar Gustave Rejlander/Wikimedia Commons/domínio público**

p.97 **grifo** © **John Tenniel. In: CARROLL, Lewis. *Alice's Adventures in Wonderland.***

London: Macmillan, 1865. p. 138.

Impressão **Ipsis**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C313a

Carroll, Lewis, 1832-1898

Alice no País das Maravilhas / Lewis Carroll; tradução Maria Cristina Guimarães Cupertino; apresentação e notas Fátima Mesquita; ilustração Pedro Nekoi. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2024. il.; 23 cm.

Tradução de: *Alice in Wonderland*

ISBN: 978-65-5697-360-9

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil inglesa. I. Mesquita, Fátima.
II. Cupertino, Maria Cristina Guimarães. III. Nekoi, Pedro. IV. Título.

24-91646

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

2024

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo, SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br | www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



APRESENTAÇÃO p. 11

I

NA TOCA DO COELHO p. 25

II

O LAGO DE LÁGRIMAS p. 33

III

UMA CORRIDA ELEITORAL
E UMA LONGA HISTÓRIA ENROLADA p. 41

IV

O COELHO DÁ UMA MISSÃO À LAGARTIXA p. 49

V

O CONSELHO DA LAGARTA p. 57

VI

PORCO E PIMENTA p. 65

VII

UM CHÁ BEM MALUCO p. 75

VIII

O CAMPO DE CROQUÉ DA RAINHA p. 85

IX

A HISTÓRIA DA FALSA TARTARUGA p. 93

X

A QUADRILHA DAS LAGOSTAS p. 103

XI

QUEM ROUBOU AS TORTAS? p. 111

XII

O TESTEMUNHO DE ALICE p. 119

MAPA DE PERSONAGENS p. 130

BIOGRAFIAS p. 132





PANDA BOOKS

APRESENTAÇÃO

SOPA IMORTAL DE LETRINHAS NÍVEL HIGHLANDER MASTER

Então, aqui está você, decidida(o) — ou ao menos tentada(o) — a ler um clássico, um conjunto de palavras e ideias que um belo dia saiu da cabeça de uma escritora ou de um escritor e que vem vindo, ano após ano, enredando leitores de todo tipo, de toda idade, de toda língua, de toda natureza. O que você tem nas mãos — se liga — já é só por isso um tesouro, porque, quando você mergulha na trama e no drama de um clássico, está participando de uma experiência coletiva in-creditável. Sente o poder?

Pois os clássicos são isso mesmo: são puro poder. Eles são o que fica, o que não se apaga, não se deleta, e a gente logo detecta que, vira e mexe, eles se esticam, crescem, muitas vezes virando filme, influenciando novos autores, roteiristas, letristas de música, poetas, autores de novelas, conversas de boteco e muito mais — sim, porque às vezes eles influenciam até a maneira como a gente vê o mundo, como se comporta nele... É um poder cósmico e concentrado aí numa sopa imortal de letrinhas nível *highlander master!* Bora encarar?

Ah, eu entendo. Às vezes a linguagem é tão estranha que a gente tropeça e cai de boca na preguiça. Outras vezes, o desânimo vem de trechos de descrição sem fim, ou uma cuspição de referências que cansam, umas trancas chatas, viu? E é verdade: tem uns períodos do passado escrito da nossa história em que as pessoas pareciam bater palma e passar pano direto pra isso na literatura.

Mas imagino cá com minhas teclas que você tenha uma cabeça aberta, certo? Então, escancara mesmo, se deixe levar por países, cidades, tempos, costumes, leis, tradições, sabores e amores tão distantes da gente, mas tão pertinho da nossa humanidade. Se larga aí num canto gostoso, se esparrama num sofá, ou cava espaço no aperto do trem, no sacolejo do ônibus, na zoeira do metrô e mergulha no clasicismo que aqui está. Você irá automaticamente adentrar uma *rave* de milhões de almas, de agora e do passado, que já curtiram o que você está prestes a decodificar neste instante. E deixe com os beques aqui a defesa da sua sanidade, porque a gente incluiu nestas páginas uma montanha de comentários que vão facilitar sua leitura, esclarecendo palavras, revelando contextos e tretas variadas — e várias vezes até abrindo novas portas para outras curiosidades que têm a ver com a história. E tudo isso com um bom humor danado! Então seja bem-vinda(o) à nossa coleção de clássicos internacionais: mete os peitos, *pow!*

ALICIAMENTO DE LEITORES

Um dos significados de aliciar é seduzir. E – meus saís! – essa *Alice no País das Maravilhas* faz isso mesmo... Do começo ao infinito, o livro seduz a gente a virar as páginas e seguir em frente com alegria, sem parar, num só gole. E, quando a leitura termina, fica ainda preso nas entranhas do cérebro, marcando presença na maneira como a gente passa a ver o mundo. É que a linguagem, o estilo, os personagens e o destino do enredo, tudo vem cheio de camadas secretas de brinde. São pegadinhas, trocadilhos, brincadeiras que fazem o livro crescer, ganhar outras dimensões e encantos, surpreender.

Agora, tudo isso faz com que o conteúdo dessa *Alice* possa nos levar por mil estradas. Tanto que, por sinal, há interpretações psicológicas, matemáticas, alucinógenas, históricas, políticas, filosóficas e até, digamos, patológicas do que um dia o Lewis Carroll escreveu. Mas talvez o que de mais especial as pessoas do século XIX sentiram primeiro sobre essa criação foi que o autor abria ali uma nova via. Porque a

literatura infantil antes da *Alice* era muita lição de moral, e é o Carroll que transforma o livro, de repente, em brinquedo pro cérebro e pro coração, ao abraçar a ideia de diversão e dar cordas à imaginação. Portanto, mesmo com toda e qualquer interpretação cabeçuda ou cabeluda que a gente possa ter, a grande viagem aqui é deixar rolar o prazer de se maravilhar de boa, de se deixar seduzir por essa *Alice* e esse Carroll.

MEADA-MARAVILHA

Mas que trama a gente tem quando tudo é *nonsense*, absurdo? A meada é esta aqui, ó: Alice é uma menininha que teve um sonho *mucho loco* durante uma preguiçosa soneca da tarde num jardim da casa dela lá na Inglaterra do século XIX. Nesse cochilo, ela seguiu um Coelho Branco por um buraco e despencou noutro mundo, onde encontrou um monte de situações estrambóticas, além de desafios como mudanças de tamanho a torto e a direito e a necessidade de se adaptar a costumes, regras e uma linguagem que ela não compreende de todo.

E aí a Alice nos carrega por essa terra coalhada de estranhos encantos que vêm prendendo a atenção de leitores como você e eu há nada menos que cento e cinquenta e tantos anos – entre chapeleiros loucos, bebês que viram porcos, tartarugas que choram, lagostas que dançam, lagartas que fumam, figuras míticas, cartas de baralho que falam, um chá da tarde eterno, uma partida de croqué com um monte de flamingos e porcos-espinhos, um julgamento desregrado e uma rainha que toda hora fala que vai mandar cortar a cabeça de alguém, até que, enfim, a menina acorda e a gente guarda para sempre aquela aventura vivíssima dentro da nossa imaginação.

NERD, CRIATIVO, MEIO SURDO, MEIO GAGO

Essa Alice maravilhosa daqui brotou da cabeça de um matemático britânico, craque em lógica, nascido em 1832 e registrado como Charles Lutwidge Dodgson. Charles era

um dentre os dez filhos de um reverendo e cresceu no isolamento do interior, onde a sua imaginação ajudava, e muito, a fazer o tempo passar sem tédio. Dois dos seus passatempos preferidos da infância, aliás, eram escrever e inventar jogos – e foram coisas que ele levou consigo pela vida afora.

Outro marco desse período foram as várias doenças com que o corpinho do *nerd* Charles teve que lidar. Uma delas até o deixou parcialmente surdo. Sem falar na ligeira gagueira que o acompanhou a vida inteira e que, com certeza, deve ter sido um prato cheio pra *bullying* na escola, né?

Mas, enfim, ele cresceu e foi parar no Christ College, que é uma faculdade da Universidade de Oxford. A instituição toda é cristã e, por lá, o Charles faturou uma espécie de bolsa pagadora de grana que tinha duas exigências: só valia enquanto a pessoa fosse solteira e era preciso, ainda, estudar e virar pastor. E ele cumpriu à risca os dois requisitos.

ALICIAMENTO DE MENORES?

Enquanto a carreira como professor ia crescendo, Charles também mostrou um talento e tanto em fazer amizades com meninas, e aí ninguém sabe até hoje como encarar isso: era ele um pedófilo ou só um tiozinho legal? Aqui, a coisa fica mesmo uma barafunda.

O primeiro lance é que ele teve várias dessas amizades, e muito especialmente com meninas. Tem gente que acha isso um resultado natural de uma timidez extra-G, associada aos problemas que ele enfrentava com os adultos em relação ao seu jeito todo de gago, *nerd*, meio surdo, hiperfocado em trocadilhos e brincadeiras lógicas. Mas aí vem o *hobby* dele, que era fotografia, e o mundo de fotos que ele fez de meninas, inclusive nuas. Aí a gente olha as imagens e sente um beliscão de desconforto que escreve lá na parede interna da nossa cabeça: será?

Só que eu vou deixar isso aqui boiando como uma interrogação em negrito acima da cabeça de um personagem de quadrinhos, porque a missão aqui não é fazer um julgamento definitivo do autor. A parada é dar uma geral

pra você poder ler a obra com uma almofadinha de contexto pra ajudar. Então, simbora nesse rumo, porque ele tinha como amiguinhas as filhas de um figurão lá da universidade, o Liddell, e, de quando em quando, dava um rolê com elas de barco. Ele e mais um amigo. E o Charles ia pelo caminho inventando histórias que elas curtiam ouvir. Um dia, a Alice Liddell ficou tão doida pela história inventada que pediu pro criador colocar aquilo tudo no papel, pra ela poder revisitar.

ATENDENDO A PEDIDOS

Charles caprichou, e muito, no atendimento daquele pedido, escrevendo, ilustrando, dando um formato de livrinho pra historinha, que já era a maravilhada e maravilhosa *Alice* que aqui está à sua disposição. E, aí, ele foi lá bater na casa da menininha Alice de 10 anos para fazer a entrega da obra. O sucesso foi grande ali naquele endereço.

Acontece, porém, que logo depois o escritor Henry Kingsley fez uma visita aos Liddell, esbarrou no livrinho caseiro e amou o trabalho. O pai das meninas contou aquilo pro Charles, avisando que ele devia pensar seriamente em publicar aquela *Alice*. O autor resolveu, então, conversar cá e lá sobre as possibilidades e se animou a ponto de dar um tapa no texto, descolar um ilustrador profissional e colocar, assim, o livro na praça no final de 1865.

PSEUDOEU

A ideia de escolher um pseudônimo era muito comum. No caso do Charles, havia a coisa da timidez e, ainda, talvez um receio de que aquele livrinho amalucado fosse arranhar a sua carreira séria de matemático, professor e pastor anglicano. Então, ele pegou o próprio nome e o escreveu em latim: Carolus Ludovicus. Na sequência, ele inverteu a ordem dos fatores e deu uma arranjadinha mais à inglesa naquele combinado, chegando, enfim, ao Lewis Carroll que é nosso conhecido.

Como Lewis Carroll, o Charles escreveu um tanto de livros, incluindo *Alice no País das Maravilhas*, *Alice através do espelho*, *Uma história embrulhada*, *A caça ao Snark* e *Algumas aventuras de Sílvia e Bruno*. Já como Charles Lutwidge Dodgson, o Lewis escreveu mais um considerável punhado de livros, entre eles os dois volumes de *Curiosa Mathematica*, *Euclides e seus rivais modernos* e *Lógica simbólica 1 e 2*.

Rico, Charles morreu menos de duas semanas antes de completar 66 anos. Estava aposentado havia algum tempo, foi visitar uma irmã, pegou pneumonia e faleceu por lá, em janeiro de 1898. Com ele, morria o famoso Lewis Carroll, um sujeito cercado de mistérios por todos os lados e que até hoje arrasta uma multidão de fãs para a leitura das suas *Alices*.

É SOBRE ISSO, E ESTÁ TUDO BEM

Talvez você nunca tenha pensado sobre o tema, mas acontece que, quando uma obra é passada de um idioma pra outro, rola uma suadeira de uma equipe grande que fica tentando acertar no ponto exato. É que há sempre na tradução o risco de a gente – o leitor – perder graças, referências, detalhes, rimas, ritmo, belezuras, maldadinhas e outras delícias preparadas pelo autor gringo. E isso vale ainda mais pra esse Lewis Carroll, que era tipo um tiozão do pavê nível refinado, rei de uns trocadilhos bem sacados e cheio de referências à cultura *pop* daquele tempo. E isso não é bolinho de transpor lá da terra dele pra nossa, lá dos 1800 e tantos pros nossos 2000 e vários anos. Então, nós fizemos um bem bolado e foi assim:

Pegamos o original e fizemos uma tradução topzeira, mas metemos ainda um tanto de notinhas revelando a raiz, ou seja, os trocadilhos que o Lewis tinha feito em inglês e que a gente teve que reinventar e adaptar no português. E fizemos isso porque assim dá pra ter uma noção maior do estilo do autor e das coisas que eram relevantes naquela época em que ele escreveu a *Alice*. Pelo mesmo motivo, a gente também decidiu apresentar e traduzir os poemas e as

letras tradicionais – e meio bobocas, kkkk – que o próprio Lewis Carroll zoou fazendo paródias e colocando no livro.

E venho cá soprar isso no seu ouvido pra você entender por que a nossa versão dessa *Alice* pode parecer um livro mais gordoto: foi porque ele ficou mesmo mais gostosinho, mais recheado de revelações e curiosidades que você pode até decidir não ler, na boa. E seguir legal. Mas, se lidas, essas infos extras dão um efeito de realidade aumentada, saca? É como se a gente viesse oferecer uma *Alice* turbinada, com mais detalhes exclusivos a cada página, com os detalhes do que motivou o autor a colocar aquilo ali daquele jeitinho. Enfim, é sobre isso, e está tudo bem.

Fátima Mesquita

PANDA BOOKS





BANDA BOON



PANDA BOOKS

A tarde dourada de sol

Traz deliciosa brisa
Pequenas mãos batem os remos
Na água suave, lisa.
Mas cada qual dessas pequenas
Com a pequena voz nos avisa:

É um Trio cruel que nos agita
No meio do sonho bom.
Ameaçam mudar o clima,
Nos perturbam com seu som.
Como fazer para que não
Desafinem o nosso tom?

A Primeira delas ordena:

– Já é hora de começar!

A Segunda, em voz suave:

– Pode até disparatar!

E a Terceira faz um alerta:

– Mas conte a história devagar!

Surge então essa nova história,
E as Três logo se calam.
Vai surgindo um novo País,
Onde até os bichos falam.
Sonho e viagem, ao mesmo tempo,
Muitas invenções embalam.

Numa **tarde de verão** de 1862, o autor e seu amigo Robinson Duckworth saíram de barco num passeio com três filhas de Henry Liddell, especialista em Antiguidade clássica e um figurão na Universidade de Oxford. E, atendendo aos pedidos do trio de meninas, Carroll inventou uma história ali mesmo.

Na época, o sobrenome Liddell era pronunciado como *fiddle* ou *little*, e o autor colocou três vezes, no original em inglês, a palavra *little* (“pequeno/a/os/as”, em português), como clara referência às três meninas Liddell neste poema – que é assim, no original: “*All in the golden afternoon/ Full leisurely we glide;/ For both our oars, with little skill,/ By little arms are plied,/ While little hands make vain pretence/ Our wanderings to guide*”.

A **Primeira** é a mais velha das irmãs Liddell, que tem, nesse dia, 13 anos e se chama Lorina Charlotte. A **Segunda** é a do meio do trio de manas, a Alice Pleasance, de 10 anos. E a **Terceira** e última, a caçulinha dessa penca, se chama Edith e tem, na altura, 8 anos de idade. A família Liddell tinha, no total, dez filhos.

Esse é o País das Maravilhas,
Onde um mundo canta e dança.
E mais tarde vamos contar
Como tudo se balança.
– Não! Quero toda a história agora! –
Bate o pé toda criança.

Aquele não tinha sido o primeiro passeio dessa turma, nem a primeira vez que Carroll inventava histórias para elas. Mas, dessa feita, **Alice** havia pedido muito que ele colocasse por escrito a que havia inventado no barco. O próprio autor disse que passou a noite toda registrando os detalhes no papel e ilustrando também o enredo. Depois, entregou tudo na casa das meninas, como um presente para Alice. E aquilo virou a primeira versão deste clássico, porque, mais tarde, ele refez e refez o texto até preparar o volume para publicação.

Depois que esse País surgiu,
Devagarzinho, no passo
A passo, este livro se fez.
Não será ele um simples maço
De páginas e de sorrisos:
Será um sonho e um abraço!

Alice, receba esta história
Com toda a sua gentileza.
Guarda-a nos sonhos infantis,
Juntando riso e natureza
Às outras flores da memória,
Com maravilhas e beleza!





NA TOCA DO COELHO

ALICE JÁ ESTAVA CANSADA DE FICAR SENTADA ali no banco, ao lado da irmã, sem ter nada para fazer: ela deu uma ou duas espiadas no livro que a irmã estava lendo, mas viu que não havia ilustrações nem diálogos e pensou: “De que serve um livro sem desenhos nem conversas?”

A menina estava dando tratos à bola (tanto quanto lhe era possível, pois o dia quente a deixava sonolenta e lerda) para descobrir se o prazer de fazer um colar de margaridas compensaria o aborrecimento de se levantar e colher as margaridas, quando, subitamente, um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela.

Não havia nada de *muito* notável naquilo; nem Alice achou tão espantoso ouvir o Coelho dizer para si mesmo: – Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Eu vou chegar atrasado demais! – (Mais tarde, quando pensou nisso, ocorreu-lhe que ela deveria ter se espantado com ele, mas na hora tudo lhe pareceu muito natural.) Porém, quando o Coelho *tirou do bolso do colete um relógio* e o consultou para em seguida continuar sua corrida, Alice se pôs de pé num salto, pois de repente se deu conta de que até então nunca havia visto um coelho vestindo um colete com bolso e muito menos tirando do bolso um relógio... E, morrendo de curiosidade, correu pelo campo atrás dele e pôde vê-lo desaparecer dentro de uma grande toca debaixo da cerca.

Alice desceu atrás dele, sem imaginar como faria para sair dali.

No começo, a toca avançou horizontalmente, como um túnel, mas, sem mais nem menos, ele ficou bem íngreme, e

tão repentinamente, que ela não teve nem um instante para pensar em parar: logo se viu caindo no que parecia ser um poço muito profundo.

A decisão de Carroll de despachar sua Alice para as **entranhas da Terra** tem muito a ver com o folclore inglês, que sempre teve o subsolo do planeta como a morada das suas fadas. Mas a entrada desse mundo secreto tradicional passava pela umidade e pela escuridão dos antigos túmulos, feitos como montinhos, que se espalhavam pela paisagem, muito antes da ideia das covas. Também dá pra adicionar aí uma pitada influenciadora do famoso Inferno criado pelo escritor Dante Alighieri, e também a moda, na época, de visitar e descrever locais exóticos, estrangeiros. E, com o lançamento, em 1864, de *Viagem ao centro da Terra*, do francês Júlio Verne, a gente percebe mesmo que o assunto estava na crista da onda.

Além disso, certas novidades que eram discutidas ou executadas à época tinham tudo a ver com o fundo da Terra. Por exemplo, um túnel de 366 metros de extensão, que havia ficado pronto em 1843, permitia que pedestres de Londres cruzassem o rio Tâmisia por baixo das suas águas. Essa novidade, aliás, fez o Parlamento britânico aprovar a construção do primeiro trecho do metrô londrino. E aqui vale lembrar que o metrô por lá é chamado de *underground*, e que o título original do livro que Carroll entregou para a menina era *Alice's Adventures Underground* [As aventuras subterrâneas de Alice]. Só depois ele trocou *under* [sub, sob] por *wonder* [maravilha] e *ground* [chão] por *land* [terra, país], lembrando que essa maravilha, aqui, quer dizer espanto, assombro.

Ou o poço era muito profundo ou ela caiu muito lentamente, pois teve tempo suficiente para olhar à sua volta enquanto descia e pensar no que iria acontecer depois. Primeiro, ela tentou olhar para baixo e divisar o que estava à sua espera, mas a escuridão impediu-a de enxergar o que quer que fosse; então, ela olhou para as laterais do poço e viu que elas estavam tomadas por armários e prateleiras de livros e que havia alguns mapas e figuras dependurados em pinos. De passagem, ela pegou numa das prateleiras um pote com o rótulo – GELEIA DE LARANJA –, mas decepcionou-se muito porque o pote estava vazio; ela não quis soltá-lo, com receio de matar alguém que estivesse lá embaixo, e, assim, conseguiu colocá-lo numa das prateleiras que encontrou ao passar.

“Bom”, pensou Alice, “depois de uma queda como essa, eu vou achar uma coisa à toa se cair da escada! Lá em casa, todos irão dizer que sou muito corajosa! Ora!, mesmo que eu caísse do telhado de casa, não acharia nada de mais!”. (O que tinha muita probabilidade de acontecer.)

Descendo, descendo, descendo. Será que a queda não acabaria nunca? – Fico imaginando quantos quilômetros já caí até agora – disse Alice em voz alta. – Devo estar chegando perto do centro da Terra. Vejamos: acho que descí uns sete mil quilômetros... – (pois ela tinha aprendido muita coisa desse tipo na escola, e, embora ali onde ela estava não houvesse uma única pessoa para ouvi-la e, por isso, não se pudesse considerar que aquela fosse uma oportunidade muito boa de demonstrar seu conhecimento, ainda assim era bom fazer isso sempre). – ... Sim,

a distância certa é mais ou menos essa... Mas eu me pergunto qual seria a Latitude ou a Longitude... – (Alice não tinha a menor ideia do que seria Latitude nem, tampouco, Longitude; mas eram palavras bonitas e lhe pareceu magnífico dizê-las.)

Então ela continuou. – Será que eu vou cair até atravessar *toda* a Terra?! Como deve ser divertido estar entre as pessoas que andam de cabeça para baixo! Os antipatias, acho que é isso... – (dessa vez ela ficou muito aliviada por não haver *ninguém* ouvindo, pois a palavra não lhe pareceu a correta) – ... mas eu terei de lhes perguntar qual é o nome do país. Por favor, senhora, aqui é a Nova Zelândia? Ou a Austrália? – (E ela tentou fazer uma medida enquanto falava... Imaginem só, *fazer uma medida* enquanto se está no ar, caindo! Vocês acham que conseguiriam?) – E que menina ignorante ela vai pensar que eu sou por perguntar isso! Não, não vai dar para perguntar; talvez eu encontre escrito em algum lugar.

Descendo, descendo, descendo. Não havia mais nada para fazer, e, assim, Alice logo começou a falar. – Imagino que, à noite, Dinah vai sentir muito a minha falta. – (Dinah era a sua gata.) – Espero que se lembrem do pires de leite dela na hora do lanche. Dinah, minha querida! Gostaria que você estivesse aqui comigo! Parece-me que não há camundongos no ar, mas você poderia pegar um morcego, que é muito parecido com um camundongo, não é? Mas será que gatos comem morcegos? – E, nesse ponto, Alice começou a ficar muito sonolenta. Continuou falando consigo mesma, numa espécie de devaneio: – Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morcegos? – e, às vezes: – Os morcegos comem gatos? –, pois, sem conseguir responder a nenhuma das perguntas, não fazia diferença o modo como as formulava. Ela sentiu que estava cochilando e tinha começado a

Alice, criança, se confundiu e disse “antipatias” quando queria dizer “antípodas”. Antípoda é quem (ou o quê) está localizado em um ponto diametralmente oposto ao local onde você se encontra – ou, no caso aqui, a Inglaterra, que, na cabeça dela, poderia ser a Nova Zelândia ou a Austrália. Na verdade, no globo terrestre, o ponto exato de oposição a Londres dá na costa da Nova Zelândia, mais ao sul, no mar.

No começo de 1853, a peça *The Wandering Minstrel* [O menestrel andarilho] entrou em cartaz em Londres. Na cena final, o personagem Jem Bags interpretava a canção “*Villikins and his Dinah*” [Villikins e sua Dinah], que descrevia o drama da Dinah, de apenas 16 anos, que preferiu se envenenar a se casar com Villikins, como o seu pai rico havia determinado. A música fez enorme sucesso, com seu vocabulário urbano e cheio de gírias. E a família da verdadeira Alice tinha mesmo dois gatos com nomes inspirados na divertida canção: Villikins e Dinah – às vezes, a grafia surge como Vilekens.

sonhar que estava caminhando de mãos dadas com Dinah e perguntando à gata, na maior seriedade: – Vamos, Dinah, diga a verdade: alguma vez você comeu um morcego? –, quando, subitamente, bum!, ela despencou sobre uma pilha de ramos e folhas secas, e a queda havia acabado.

Alice não se machucou nem um pouco, e se pôs de pé imediatamente, num salto. Ergueu o olhar, porém no alto estava tudo escuro: à sua frente, estendia-se outro longo corredor, e ainda dava para ver o Coelho Branco correndo por ele. Não havia um instante a perder: Alice disparou como o vento, bem a tempo de ouvi-lo dizer, ao dobrar uma esquina: – Pelas minhas orelhas e pelo meu bigode, como estou atrasado! – A menina estava bem atrás do coelho quando ele dobrou a esquina, mas não o avistou mais: ela se viu numa sala comprida e baixa, iluminada por uma fileira de lâmpadas dependuradas no teto.

Havia portas por toda a sala, mas estavam fechadas; depois de percorrer um lado inteiro e voltar pelo outro lado, experimentando todas as portas, Alice caminhou, abatida, pelo meio da sala, imaginando o que faria para sair dali novamente.

De repente, ela se viu diante de uma mesa de três pés, toda de vidro, na qual havia apenas uma minúscula chave dourada, e a primeira ideia de Alice foi que aquela chave devia ser de uma das portas da sala; mas, infelizmente, as fechaduras eram grandes demais ou a chave era pequena demais, não servindo para abrir nenhuma delas. Contudo, ao dar uma segunda volta pela sala, ela notou à sua frente uma cortina baixa que não tinha visto antes. Atrás da cortina, havia uma portinhola de uns quarenta centímetros de altura; ela experimentou a chavinha e, com grande alegria, viu-a girar na fechadura!

Alice abriu a porta minúscula e viu que ela dava para um corredorzinho não muito maior que um esconderijo de rato; ajoelhando-se, ela olhou e, então, viu no fim do corredor o jardim mais encantador que se pode imaginar. Ela queria muito sair daquela sala escura e passear entre os seus canteiros de flores coloridas e as suas fontes frescas,

mas não podia enfiar nem mesmo a cabeça pelo portal. “E, mesmo que a minha cabeça *entrasse*, ela não valeria nada sem os meus ombros”, pensou a pobre Alice. “Ah, como eu gostaria de que meu corpo pudesse encolher como uma luneta! Acho que eu poderia fazer isso, se soubesse como começar.” Pois, como vocês devem ter notado, tantas coisas estranhas haviam acontecido em tão pouco tempo, que Alice havia começado a achar que muito poucas coisas eram realmente possíveis.

Ela ponderou que não adiantava nada esperar ao lado da porta e, assim, voltou para a mesa com alguma esperança de encontrar outra chave ou, pelo menos, um manual com as regras sobre como encolher pessoas, como acontece com as lunetas. Dessa vez, Alice encontrou ali uma garrafinha (“que sem dúvida não estava aqui antes”, pensou ela), e, amarrada ao gargalo da garrafa, havia uma etiqueta de papel com as palavras “BEBA-ME”, primorosamente impressas em letras maiúsculas.

Tudo bem dizer “Beba-me”, mas a sensata menina Alice não faria *isso* sem pensar. – Não, primeiro vou olhar, e ver se não está escrito “veneno” –, disse ela. Pois ela já lera muitas histórias interessantes sobre crianças que tinham se queimado ou haviam sido devoradas por feras, e outras coisas desagradáveis, tudo por não terem se lembrado das dicas simples que seus amigos lhes haviam dado, como, por exemplo, a de que, se você segurar por muito tempo um atizador de brasas, ele vai queimá-lo; e a de que, se você cortar *muito* profundamente o dedo com uma faca, esse dedo provavelmente vai sangrar; e ela jamais esqueceu que, se você beber uma grande quantidade do conteúdo de uma garrafa onde está escrito “veneno”, é quase certo que, mais cedo ou mais tarde, a bebida acabará por não lhe cair bem.

Mas naquela garrafa não estava escrito “veneno”, e, assim, Alice arriscou provar um pouco da bebida e, como a achou deliciosa (de fato, seu sabor parecia combinar torta de cerejas com creme de leite, abacaxi, peru

Era comum que os remédios da época fossem assim identificados, apenas com um pedaço de papel amarrado no gargalo. Além disso, as **garrafinhas** costumavam ser fechadas com uma espécie de rolha.

Quem já leu qualquer uma das **historinhas tradicionais europeias** feitas para crianças sabe muito bem do que ela está falando aqui: lobo mau, bruxas ainda piores, pais que abandonam os filhos, madrastas terríveis e muito mais!

Em um tempo em que o aquecimento das casas na Inglaterra era feito por lareiras, as crianças logo aprendiam os perigos, por exemplo, de brincar com o **atizador de brasas** – um instrumento comprido feito de metal que ajuda a organizar o carvão e, assim, manter o fogo no ponto certo.

assado, bala de caramelo e pão na chapa com manteiga), não demorou nada a chegar ao fim dela.

* * * *
* * * *
* * * *

– Que sensação estranha! – disse Alice. – Eu devo estar encolhendo como uma luneta!

E, na verdade, era o que acontecia: Alice estava com vinte e cinco centímetros de altura apenas, e seu rosto se

iluminou com a ideia de que seu tamanho agora lhe permitiria transpor a portinha que se abria para o jardim encantador. Primeiro, contudo, ela esperou alguns minutos para ver se iria encolher ainda mais: ela se sentia um tanto nervosa com essa possibilidade, e pensou: “Pois, no final, posso acabar me apagando totalmente, como uma vela. Como será que eu ficaria, nesse caso?”. Ela tentou imaginar o aspecto da chama de uma vela quando a vela se apaga, pois não se lembrava de jamais ter visto algo assim.

Depois de algum tempo, vendo que não acontecia mais nada, ela resolveu ir imediatamente para o jardim. Porém, pobre Alice!, ao chegar à porta se deu conta de que tinha esquecido a chavinha e, quando voltou à mesa para pegá-la, percebeu que não conseguia alcançá-la: podia ver a chavinha claramente através do vidro, e fez o maior esforço para escalar por uma das pernas da mesa, mas só conseguiu es-

corregar; e, quando se cansou de tentar, a coitadinha sentou-se e começou a chorar.

– Ora, não adianta chorar! – disse Alice, bruscamente.
– Eu a aconselho a engolir esse choro agorinha! – Em geral, ela dava conselhos muito bons para si própria (embora raramente os seguisse) e, às vezes, se reprendia com tanta severidade que seus olhos se enchiam de lágrimas; e ela se

A Síndrome de Alice no País das Maravilhas (em inglês, AIWS) é rara, mas leva a **distorções na percepção do tempo e do espaço**, em meio a várias alucinações visuais e auditivas. Em adultos, a causa, em geral, é enxaqueca nível brabo – e isso era uma coisa que o Carroll tinha de sobra. O problema leva muito paciente a achar que enlouqueceu, mas tudo indica que tenha a ver com uns piripagues nas regiões corticais que, juntando vários *inputs*, nos dão a nossa consciência corporal em 3D. O quadro foi apontado, ainda no século XIX, pelo neurologista alemão Hermann Oppenheim, mas só na década de 1950 o neurologista Caro Lippman, dos Estados Unidos, relacionou o que Oppenheim relatou com o que Carroll escreveu, e aí, pouco depois, o psiquiatra inglês John Todd bateu o martelo, batizando de vez a síndrome com o título do livro da Alice.

lembrava da vez em que tinha dado um tapa na própria orelha por haver trapaceado numa partida de croqué que jogava consigo mesma, pois essa menina original gostava de fazer de conta que era duas pessoas. “Mas não adianta nada, agora, fingir ser duas pessoas!”, pensou a pobre Alice. “Com o que sobrou de mim, quase não dá para fazer nem mesmo *uma* pessoa respeitável.”

Mas logo seu olhar recaiu sobre uma caixinha de vidro que estava embaixo da mesa; ela a abriu e encontrou um bolinho minúsculo que tinha as palavras “COMA-ME”, primorosamente inscritas com groselha. – Bom, vou comê-lo – disse Alice. – Se ele me fizer crescer, conseguirei alcançar a chave; e, se ele me fizer ficar menor ainda, posso deslizar por baixo da porta; assim, de qualquer forma, eu poderei chegar ao jardim, e não vou me importar com o que acontecer!

Ela comeu um pedacinho do bolinho e, ansiosa, pensou: “Para cima ou para baixo?”, enquanto mantinha a mão na cabeça, a fim de poder senti-la subir ou descer; e ficou muito surpresa ao ver que continuava do mesmo tamanho. Como se sabe, é isso que geralmente acontece quando comemos bolo; mas Alice havia desejado tanto que acontecessem coisas extraordinárias que lhe pareceu muito bobo e sem graça a vida seguir do jeito comum.

Assim, ela pôs mãos à obra e, em pouco tempo, deu cabo do bolo.

* * * *
 * * *
* * * *

O **croqué** é um jogo de precisão que surgiu no começo do século XIX e ganhou certa popularidade durante um tempo na Europa. O campo utilizado é um gramado, onde dois times disputam para ver quem passa primeiro as bolas da sua equipe debaixo de uns golzinhos fincados no chão, seguindo a ordem e a direção corretas. Cada equipe pode ter um ou dois jogadores e possui seu próprio conjunto de bolas e tacos – esses tacos parecem martelos compridos e são feitos de madeira. O jogo é, às vezes, também chamado de toque-emboque.

A groselheira é um arbusto espinhento e bastante comum na Europa. Seus frutos são pelotinhas pequenas que podem ser pretas, brancas ou – as mais famosas – vermelhas. A **groselha** pode até ser comida crua, mas o mais tradicional é vê-las em receitas de tortas, bolos, geleias, xaropes e licor. Aqui, por exemplo, o xarope dela foi utilizado para desenhar as letras.
